

Publication status: Not informed by the submitting author

RESPECT, HUMILITY, "PROCEDER" AND RESPONSABILITY: THE
CATEGORY "SUBJECT-MAN" AS A CONVERGENCE BETWEEN
"WORLD OF CRIME" AND PERFORMATIVE MASCULINITIES

João Victor Borri de Oliveira

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6849>

Submitted on: 2023-09-17

Posted on: 2023-09-22 (version 1)

(YYYY-MM-DD)

RESPEITO, HUMILDADE, PROCEDER E RESPONSABILIDADE: A CATEGORIA "SUJEITO-HOMEM" COMO APROXIMAÇÃO ENTRE "MUNDO DO CRIME" E MASCULINIDADES PERFORMATIVAS¹

AUTOR/A 1 João Victor Borri de Oliveira
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7531-9233>
joliveira@estudante.ufscar.br
Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, São Paulo (SP), Brasil

RESUMO

Este trabalho se insere na interface de três debates sociológicos contemporâneos: juventudes, masculinidades e “mundo do crime”. Partindo de uma pesquisa etnográfica com jovens em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto em São Carlos (cidade do interior de São Paulo), proponho uma reflexão acerca da categoria “sujeito-homem”. Considerando a perspectiva de que existem múltiplas performances de masculinidades, o meu foco é refletir em como os elementos dessas masculinidades atravessam as práticas, sociabilidades e experiências no “mundo do crime” (FELTRAN, 2008a). Para isso, irei explorar a categoria de “sujeito-homem” como um caso específico desse pensamento conjunto. O “sujeito-homem” é um jovem adulto, que evoca signos de respeito, humildade, proceder e responsabilidade ao realizar sua performance.

Palavras-chave: mundo do crime, masculinidades performativas, medidas socioeducativas, juventudes, sujeito-homem.

RESPECT, HUMILITY, “PROCEDER” AND RESPONSABILITY: THE CATEGORY “SUBJECT-MAN” AS A CONVERGENCE BETWEEN “WORLD OF CRIME” AND PERFORMATIVE MASCULINITIES

ABSTRACT

¹ Este trabalho é fruto de ideias e trocas conjuntas. Agradeço a Luana Motta, minha orientadora que pacientemente me ensina e me abre os olhos para a beleza da Sociologia. Além disso, sou grato a Janaína Maldonado, banca do meu trabalho de conclusão de curso, que realizou uma rica arguição fundamental para as reflexões apontadas nesse paper. Aos profissionais do Salesianos e aos meus interlocutores são longos os agradecimentos e não caberiam aqui. Agradeço aos colegas do NaMargem (UFSCar) pelas discussões, pelos bares e pelas trocas. Por fim, agradeço aos meus amigos, que sempre estão comigo nas dificuldades, felicidades e adversidades da vida acadêmica.

This work is situated at the interface of three contemporary sociological debates: youth, masculinities, and the 'world of crime.' Starting from an ethnographic research with young people undergoing socio-educational measures in an open environment in São Carlos (a city located in the interior of São Paulo), I propose a reflection on the category 'subject-man.' Considering the perspective that there are multiple performances of masculinities, my focus is to explore how the elements of these masculinities permeate practices, sociability, and experiences in the “world of crime” (FELTRAN, 2008a). To do this, I will explore the category of “subject-man” as a specific case of this joint thinking. The “subject-man” is a young adult who evokes signs of respect, humility, proceder, and responsibility in carrying out his performance.

Keywords: world of crime, performative masculinities, socio-educational measures, youth, subject-man.

INTRODUÇÃO: CONHECENDO AS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS

Era 28 de abril de 2022, uma quinta-feira de muito calor e céu aberto na cidade de São Carlos, interior de São Paulo. Esse dia finalmente havia chegado, estava tão ansioso há semanas e naquele dia ainda mais. Não havia conseguido visitar anteriormente o Salesianos para fazer trabalho de campo já que estava fazendo minha última matéria do curso de graduação em Ciências Sociais na UFSCar. Luana, minha orientadora, já fazia visitas anteriormente a esta data, entretanto, como em breve ela sairia para fazer um pós-doutorado na Universidade de Chicago, combinamos de realizar algumas visitas juntos. Particularmente, o fato de eu ter Luana por perto nesse primeiro momento me tranquilizava muito. Eu estava com medo de como lidar com as pessoas dali – tanto com os jovens em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto, quanto com as pessoas que trabalhavam lá. Muitos pensamentos me deixavam atordoado, e o fato de não saber como lidar com tudo aquilo me dava uma espécie de frio na barriga. Minha orientadora me ofereceu carona e eu aceitei. Me arrumei, lavei o cabelo e fiquei pronto, vesti uma calça marrom, sapato preto nos pés e uma camiseta preta. Pensei em ir com cores simples para não chamar atenção. Uma de minhas maiores preocupações e inquietações, residia na minha forma de falar, me expressar e interagir. Como homem, gay e afeminado, estava com medo de ser chacota perante o grupo dos jovens. Nesse sentido, cenas de bullying que vivi em longas décadas no colégio começaram a perseguir minha mente.

Durante o caminho, Luana e eu conversávamos sobre o crime na cidade de São Carlos, e eu contava para ela minhas expectativas e inseguranças. Descemos do carro e Luana me explicava como as medidas socioeducativas em meio aberto eram aplicadas na cidade de São Carlos. Andamos por uma espécie de gramado muito bonito com estátuas, flores e fontes em meio a grama e ao concreto. Do meu lado esquerdo havia uma quadra de esportes muito grande com várias crianças brincando; do meu lado direito havia diversas salas que pareciam formar um grande corredor com divisórias – mais tarde descobri que lá ficava a sala de jogos, os banheiros e o refeitório. Continuamos andando e entramos em uma pequena porta que dava para três locais: uma escada, um escritório e uma sala de informática. Subimos as escadas que nos levava para uma espécie de hall de entrada, que por sua vez desembocava para uma grande sala. Neste hall, havia um armário cinza e diversas artes: pinturas em papel canson, caixas decoradas com guache e adereços brilhantes, pinturas em telas, filtros dos sonhos e toalhas de pano decoradas com pinturas à mão. Luana me explicou que eram os trabalhos que os jovens desenvolviam durante as aulas de artes, e observando a delicadeza e cuidado daquelas obras me senti reconfortado de alguma forma que não sei explicar. Talvez seja por conta do nível de afeto que aqueles trabalhos me transmitiam e me faziam pensar em diversas coisas sem ainda ter conhecido seus autores.

Quando entramos na grande sala, me deparei com várias pessoas que ali trabalhavam, e percebi – rapidamente – que em sua maioria eram mulheres. Luana me apresentou para todas e todos como seu orientando, que agora, junto dela, acompanharia as atividades. De certa forma, foi ali que o “estranhamento”² (Peirano, 1995) começou. Mais tarde, esse estranhamento me proporcionou reflexões, a ponderação e a combinação entre teoria e empiria.

Essa etnografia se concentrou na observação participante das atividades rotineiras dos jovens que estavam em cumprimento de medida socioeducativas em meio aberto no Salesianos. Mas afinal de contas, o que é o Salesianos? É a instituição que administra as medidas socioeducativas em meio aberto na cidade de São Carlos, além de muitas obras e campanhas de cunho social. Em 1999, o programa de medidas socioeducativas surgia em São Carlos a partir de uma articulação entre o diretor do Salesianos (na época) Padre Agnaldo Lima e o juiz da Vara da Infância e da Adolescência, João Galhardo (Schlittler, 2011). Ambos conseguiram um contrato com a Fundação Casa para que as medidas fossem aplicadas pelo Salesianos. Esse contrato possibilitou a contratação direta de orientadores que operariam as

² Expressões grafadas entre aspas são êmicas, sejam citações literais de texto ou falas (literais) de meus interlocutores.

medidas socioeducativas em meio aberto e as propostas pedagógicas que iriam norteá-las (Zanchin, 2010). A missão do Salesianos é educar jovens através do sistema preventivo de educação, executando o exercício da cidadania bem como a incorporação de valores éticos e solidários no processo. São vários os serviços que o Salesianos oferece à comunidade da cidade de São Carlos, geralmente ligados ao acesso à cultura, informação, saúde, segurança e alimentação.

A observação participante, nos encaminha para uma experiência da proximidade (Geertz, 2009) onde o investigador se assume como um dos instrumentos do fazer etnográfico. Os momentos e situações que participei e vivenciei em oito meses de trabalho de campo me proporcionaram momentos ricos e detalhados. Estive não só no Salesianos como também em outros lugares: escolas de ensino médio e centro de esportes, museus e exposições. Assinalo, deste modo, que o fato de minha pessoa ter sido aceito, minimamente, na rotina das pessoas que estavam no Salesianos me permitiu compartilhar a melodia do *anthropological blues* (Da Matta, 1978).

1. LOCALIZAR E SER LOCALIZADO: LIDANDO COM OS “HÓSPEDES NÃO CONVIDADOS” DO TRABALHO ETNOGRÁFICO.

Conforme Da Matta nos orienta, durante o nosso fazer devemos lidar com os “os hóspedes não convidados da situação etnográfica” (Da Matta, 1978, p. 30). Eu sou um jovem de 23 anos, hoje fazendo pós-graduação, mas na época desta etnografia, estava fazendo graduação. Tenho mais ou menos um metro e sessenta centímetros, sou preto, gay e de voz afeminada. Como havia dito, uma das minhas preocupações era a minha própria identidade, frente aos jovens com quem eu iria ter contato. Mais tarde, semanas depois de começar meu trabalho de campo, percebi que eu deveria ficar calmo e me comportar da minha própria maneira. Deveria me permitir sentir o que fosse conveniente em cada momento, afinal, as imersões em campo nos trazem a possibilidade do aparecimento dos sentimentos e isso faz parte da pesquisa (Gomes & Menezes, 2008). Nesse sentido, seguindo os passos de Haraway (1995) acredito que devemos nos situar em nossos textos e em nossas pesquisas, afinal, nossas experiências, nosso gênero, nossa sexualidade (e vários outros fatores) atravessam nossos trabalhos. Deste modo, as experiências em campo também são influenciadas por esses critérios.

Nessa jornada, duas pessoas foram fundamentais no meu processo de entrada em campo: Roberta e Luciano, ambos orientadores de medidas socioeducativas. Luciano era um

homem alto, negro, tinha mais ou menos um metro e noventa centímetros, olhos pretos, barba com cavanhaque e pouco cabelo. Roberta aparentava ter um metro e setenta centímetros, cabelos lisos com mechas loiras, usava óculos e tinha olhos castanhos. Eu frequentava o Salesianos todas as semanas para entender a rotina, as dinâmicas e a lógica das pessoas que ali estavam. Durante esses meses acompanhei as aulas de artes, e pude participar dos processos da PSC (Prestação de Serviços à Comunidade) sobre “Direito à cidade”. Nessa PSC os jovens produziram uma espécie de banner com os três melhores “campinhos” de futebol espalhados pela cidade de São Carlos - SP. Nesse banner foram colocadas fotos dos campinhos que foram selecionados pelos jovens e suas características: o estado geral que se encontrava o local, a oferta de bebedouro, o estado do gramado e a oferta de banheiros. Além disso, participei das atividades na academia, dos grupos de jogos, dos lanches e de alguns ensaios musicais. Concomitante a isso, tive conversas e discussões informais com os orientadores de medidas que versaram sobre diversos assuntos relacionados aos jovens atendidos e ao programa de medidas socioeducativas.

Mesmo retraído em alguns momentos, tentava conversar e construir uma aproximação com os jovens. Além disso, seguindo os passos de Schlittler, (2011), pude observar que conversar com os orientadores de medidas socioeducativas era promissor no sentido de entender a história dos jovens, suas trajetórias e histórias familiares. Os orientadores de medidas socioeducativas, durante o cumprimento da medida, ficam em contato com toda a rede que circunscreve o cotidiano dos adolescentes: a família, a escola, os assistentes sociais e juízes.

Um dos jovens que tive contato se chamava Carlos Eduardo. Ele era branco, tinha mais ou menos um metro e cinquenta centímetros de altura, tinha olhos castanhos, cabelo liso e bochechas proeminentes. Carlos Eduardo estava no segundo ano do ensino médio. Tinha atitudes infantilizadas e era um jovem que brincava bastante com todas as pessoas. Durante uma das atividades da PSC que participei, enquanto eu ajudava os jovens procurando recortes em revistas, Carlos Eduardo conversava comigo:

“Carlos Eduardo: [...] ow João, esses dias eu acho que vi você lá no ponto de ônibus do mercadão, tá ligado... ali na frente do pastel d’ Amélia.

Eu: Sei sim, ali perto do banco Bradesco. Mas acho que não era eu não Carlinhos. Faz muito tempo que não passo lá por perto.

Carlos Eduardo: Mas nossa parecia muito você, cabelo bem preto, enroladinho, meio gordinho [...] Eu até gritei “eai jão”, mas você nem olhou pro lado. Aí eu deixei quieto.

Eu: Mas não era eu não, acho que devia ser outra pessoa parecida comigo.

Carlos Eduardo: Mas se fosse eu, você teria respondido, né?

Eu: Claro que sim né Carlos, tô aqui toda semana, a gente conversa, troca ideia de boa, por que não te responderia?

Carlos Eduardo: Ah [pausa pensante durante segundos], é verdade né...”
(Trecho do Diário de campo)

A fala de Carlos Eduardo, “mas você nem olhou pro lado” se referia a uma característica nada apreciada pelos jovens: a de não ser humilde. Essa característica se expressa em atitudes como não cumprimentar, desqualificar o outro e fenômenos do mesmo tipo. Meu interlocutor insistiu que era eu quem ele havia visto, mesmo tendo negado sua informação numa primeira vez, e dizendo que não era possível que fosse eu. Perguntar a Carlos Eduardo “porque não te responderia?” foi decisivo para a interação mútua, pois nesse exercício dialógico ele se deu conta de que havia uma relação de respeito e consideração. De outro ângulo, é interessante pensar que essas trocas com os jovens pressupunham uma espécie de relação, e é nessa relação que se delimita os próprios conteúdos dessas trocas, ou seja, é como se um jovem se performasse em relação ao outro e a mim. Acredito que Goffman (1983) nos ajuda a entender isso, observando que é uma relação que pressupõe uma resposta – um se performa em relação ao outro.

Com o passar das idas semanais em campo, pude perceber que eu não era um motivo de chacota ou riso, como bem temia por conta de minha orientação sexual e de minha forma afeminada. No início os jovens eram quietos e distantes, depois de me verem sempre, começaram a ser mais maleáveis, conversavam, contavam suas histórias, e até mesmo me pediam conselhos. Uma relação finalmente havia sido criada. Percebi, desta forma, que desnaturar e romper barreiras era natural para aos poucos o gelo ser quebrado.

2. NOTAS TEÓRICAS

Se valer da juventude enquanto objeto empírico sugere-nos compreender as complexidades e singularidades que marcam esse grupo social, tomando-os sobretudo como sujeitos sociais ativos nas dinâmicas em sociedade. Me amparo em um amplo debate presente neste campo teórico que aponta que há diferentes maneiras de “ser jovem” e que estas maneiras estão relacionadas à heterogeneidade econômica, social e cultural e a marcadores sociais da diferença, que fazem com que as identidades transitem, tendo em vista as possibilidades, performances e condutas diferentes (Corrochano et al., 2019; Dayreel, 2007; Medan, 2014; Motta, 2017). Dentro deste escopo, a juventude é tomada não biologicamente, mas como uma categoria construída social, cultural e politicamente. A expressão “juventudes” grafada no plural, passou então a ser empregada como forma de enfatizar que indivíduos jovens, na verdade, têm experiências, plurais, desiguais e multifacetadas, ou seja,

cada um experimenta a realidade social de determinada forma. Marcadores como gênero, classe, raça e território são, portanto, fundamentais para compreendermos as experiências juvenis em sua multiplicidade, afinal, os marcadores sociais de diferença afetam todas as relações sociais, especialmente quando entendidos de modo indissociável e interseccional (Piscitelli, 2008). Neste trabalho em questão focarei na dimensão de gênero, sobretudo, nas masculinidades.

Os estudos de gênero e sexualidade ganham uma nova roupagem com o trabalho de Judith Butler (2003). Um aspecto muito importante de sua teoria é a crítica acerca da distinção entre sexo e gênero. As primeiras interpretações acerca do gênero o colocavam como algo construído socialmente, ao passo que o sexo seria uma dimensão natural e cromossômica. O argumento de Butler é que gênero não deve ser postulado e restringido à inserção cultural de significados ao sexo. Deste modo, o gênero marca o próprio aparato pelo qual se produzem os sexos, ou seja, sexo não é um dado objetivo provindo da natureza. O sexo, nesse sentido, não deve ser abrangido como uma manifestação biológica ou uma pulsão natural do corpo. Desta perspectiva observamos que não devemos entender o conceito de gênero como um modelo rígido e estável de identidade, diferente disso, a identidade de gênero, argumenta a autora, se faz ao longo do tempo, por meio de repetições de atos (Butler, 2003). Esses atos devem ser compreendidos como performances compartilhadas entre os sujeitos, ou seja, uma “ação coletiva” (Butler, 2019). É nesse escopo que o gênero começa a ser entendido enquanto uma atividade performada que possui um caráter incessante.

E é no sentido da performance que aparece a noção central deste trabalho: as masculinidades. Se gênero começa a ser entendido enquanto uma atividade performada, vale pensarmos, o que jovens em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto performam no que toca às masculinidades. Alguns trabalhos argumentam que o controle das emoções entre os jovens é um fator determinante para construir um homem adulto resistente, cheio de sucessos, viril, dominante e ativo (Dias & Júnior, 2020). As masculinidades não são naturais como supostamente podem aparentar, ao contrário, são construídas e moldadas pelos fatores que nos afetam cotidianamente. Nesse sentido, existem múltiplas variedades de masculinidades (Baird, 2018) e essas masculinidades são multifacetadas e mutantes situacionalmente, ou seja, existem diversas masculinidades inseridas em diferentes contextos sociais, culturais, econômicos e políticos. Deste modo, ao tratar neste texto de “masculinidades performativas” de jovens em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto, estou me referindo ao ato performativo desses jovens no

que tocam suas masculinidades via os atos corporais, práticas, representações, enunciações linguísticas e gestos. O ato de performar pode ser entendido como um modo de visibilizar o gênero pelo corpo (Gusmão, 2022). Neste trabalho, performar, ganha um novo sentido: é compreendido como a visibilização da masculinidade pelo corpo.

Por fim, o último campo teórico que alimenta essa proposta é composto por contribuições acerca do “mundo do crime”. A noção de “mundo do crime” vem sendo discutida ao longo das últimas décadas por diversos autores que foram convenionados como “etnógrafos do crime” (Biondi, 2009; Feltran, 2008a, 2008b). O principal deslocamento comum dessas contribuições é a proposta de compreensão positiva das atividades e dinâmicas criminais, ou seja, pensando e refletindo o que o crime produz em relação às dinâmicas sociais, às moralidades, às transações econômicas e à regulação de condutas. Segundo Gabriel Feltran, a noção de “mundo do crime” procura dar conta dos códigos morais e éticos que são articulados em torno de um regime normativo – o regime criminal. Deste modo, “mundo do crime” é definido como sendo “o conjunto de códigos sociais, sociabilidades, relações objetivas e discursivas que se estabelecem, prioritariamente no âmbito local, em torno dos negócios ilícitos do narcotráfico, dos roubos, assaltos e furtos” (Feltran, 2008a, p. 31). Nessa acepção, o termo “crime”, não pode ser reduzido a ações passíveis de serem enquadradas em tipos penais, ao contrário, é importante olhar para as relações sociais que este termo produz e atravessa. Ainda é importante evidenciar que para aqueles engajados em atividades criminais, é preciso saber lidar com códigos éticos e condutas específicas esperadas ou demandadas (Dias, 2010; Grillo, 2013; Hirata & Grillo, 2019). Assim, “ser do crime” não se relaciona apenas ao fato de praticar atos ilícitos, mas é, sobretudo, saber dialogar com os elementos que conferem o “proceder” no “mundo do crime” (Marques, 2010).

3. UM OUTUBRO, TRÊS HISTÓRIAS: PERFORMANCES DO “SUJEITO-HOMEM”.

Nesta parte do texto, apresento três das cenas que compõem a performance do “sujeito-homem”, que será utilizado como um caso específico (e particular) da intersecção de juventudes, mundo do crime e masculinidades.

Cena 01: Outubro de 2022 – Joaquim

Era uma tarde bem chuvosa e nublada, cheguei ao Salesianos no horário de sempre, por volta das 14 horas. Havia descoberto que os ensaios para a mostra cultural que aconteceria em novembro de 2022, começariam naquele dia. Luciano (orientador de medidas socioeducativas), Joaquim, Marcos e eu fomos para uma sala onde seriam ensaiadas as músicas que seriam cantadas na apresentação (elas eram de autoria dos próprios jovens). A sala era bem pequena e aconchegante, com artes que os jovens faziam e paredes coloridas. Havia toda uma parte de montagem do equipamento que era do próprio Luciano, parte essa muito complicada que requeria certo conhecimento e paciência.

Enquanto o equipamento era montado, eu observava que Marcos estava muito ansioso e inquieto – suas pernas balançavam igual os galhos das árvores em meio a ventania daquele dia. Marcos tinha cabelo preto e bem liso, não era muito alto, tinha por volta de um metro e cinquenta e cinco centímetros, era magro e negro, sua voz era abafada e baixa. Naquele dia, independente do frio, vestia um short azul marinho, um chinelo, uma camiseta branca e, por cima, uma corta-vento vermelha. Marcos ainda cumpria suas medidas socioeducativas na instituição. Já Joaquim, também presente, estava mais calmo. Joaquim era um jovem alto de mais ou menos um metro e setenta centímetros, tinha várias tatuagens no braço direito e um piercing na sobrancelha esquerda, era branco, sua voz era grave e alta. Naquele dia vestia uma calça estampada, um tênis branco e uma camiseta de time de futebol. Joaquim já era egresso do programa de medidas socioeducativas, mas frequentava a instituição sempre que tinha alguma folga no trabalho, especialmente para conversar com Luciano pedindo dicas sobre suas músicas e composições.

Estávamos a uma semana do segundo turno das eleições presidenciais, e esse tópico de discussão facilmente apareceu em nossa conversa, enquanto o equipamento era montado por Luciano. Com críticas ao governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, Joaquim contava que no dia em que havia ido votar no primeiro turno, tomou um enquadra por dois policiais militares. Segundo ele, após passar o Parque da Saúde (um parque aberto com equipamento de lazer) os PMs, que já haviam passado duas vezes por ele e por sua companheira, estavam os esperando em uma rua mais isolada e com pouco movimento, local onde foram abordados. Esse parque não é na periferia mais afastada da cidade de São Carlos, entretanto também não é no centro. Contava-nos que a abordagem não foi das mais calmas. Após perguntarem para onde eles estavam indo, começaram as revistas. Muito agressivo, o policial que conduziu a revista “pesava a mão”. O agente fez o jovem levantar a camiseta para conferir se estava realmente tudo certo. Como não haviam encontrado nada, ambos os

policiais afirmaram ter confundido Joaquim com outro “ladrão” que andava pelas redondezas.

“Joaquim: Como assim outro ladrão, eu não sou ladrão não, tá louco. Justo eu ladrão, acha ow.

Luciano: Nossa Joaquim, sinto muito pelo acontecido.

Eu: Que situação horrível, sinto muito Joaquim.

Joaquim: Tava indo vota de boa e isso acontece, vai toma no cu. Por isso que esse cara [Jair Bolsonaro] tem que vazar [da presidência da república]... papo reto”

(Trecho do Diário de campo)

Após esse relato de Joaquim, nós conversamos um pouco mais sobre o governo desorganizado que foi o de Jair Bolsonaro, que em meio a uma pandemia perpetuou e propagou uma política de morte dotada da expropriação dos direitos. Após isso os ensaios começaram e Joaquim foi o primeiro a cantar sua música. Ele já tinha o *beat* e a letra de sua composição já estava decorada. Abaixo estão algumas partes da música que Joaquim compôs para a mostra cultural – irei me ater a esses trechos na próxima seção deste texto.

<p>Trecho 01</p> <p>Olha pros que vem de lá Voz ativa do gueto Põe o ** pra cantar Querem breçar meu Grande respeito aos primeiros Sonhei pra concretizar Levo a resposta no peito Para revolucionar</p>	<p>Trecho 02</p> <p>Cadê a cultura do povo, prefeito? Nada feito Não é querendo pagar Mas se for pra contar fica feio, desse jeito Quer só mente pensante na ideologia formada em direito Vai ver a favela em primeiro Sorriso, união dos parceiro</p>	<p>Trecho 03</p> <p>Sujeito homem corre pelo certo Mas certo Que quem luta na vida alcança Parasita dilui com o tempo O meu foco é ver as criança 'di menor' já cheia de argumento Saudade do tempo de moleque Mãe dizia vai aprender na rua Aprendi ouvindo MC Kevin Sai das drogas que essa rua é escura</p>
--	--	--

Figura 1: Trechos da música

Cena 02: Outubro de 2022 – Carlos Eduardo

Conheci Carlos Eduardo no primeiro dia que fui realizar trabalho de campo no Salesianos. Ele era um jovem muito efusivo, e foi um dos jovens que mais me recebeu bem naquele espaço. Era o fim do mês de outubro, aquela terça-feira estava bem ensolarada e um pouco quente. Cheguei no Salesianos e pude observar que todos já estavam na sala de jogos. Caminhei direto para lá com os jovens que estavam junto de Luciano. Antes de entrar na sala, passei para pegar um pouco de água, afinal, eu havia caminhado até o Salesianos, sem recorrer a carros de aplicativo ou ônibus. Ao entrar na sala, fui cumprimentando e apertando a mão de todos os jovens que estavam cumprindo medidas socioeducativas que estavam lá. Na caixa de som tocava uma música composta por um rapper que os jovens gostavam bastante e que naquele momento estava em alta, seu nome era Felipe Ret. Como eu tinha acabado de chegar, Luciano sugeriu que jogássemos sinuca. Eu aceitei e logo começamos a jogar. Naquele dia, jogávamos eu, Luciano e Carlos Eduardo. Havia outros dois jovens que

preferiram ficar jogando tênis de mesa. Enquanto jogávamos sinuca, conversávamos sobre o calor que fazia em São Carlos, muito diferente da semana anterior que estava relativamente fria. No meio da conversa, Carlos Eduardo nos falou que precisaria ir embora mais cedo, um pouco antes do seu horário de costume. Ele contou que, após ir embora, chegaria na sua casa e ajudaria sua mãe lavando a louça que estava na pia da cozinha. Além disso, iria varrer toda sua casa. Carlos Eduardo contava-nos seus planos de maneira muito planejada e confiante. Segundo ele, sua mãe – rainha como a chamava – era “firmeza” e sempre que podia a ajudava nas funções e tarefas da casa. Carlos Eduardo disse que depois que ajudasse sua mãe, quando tudo estivesse limpo, iria aproveitar para pedir que ela o deixasse ir ao baile que teria na praça Calixto, localizada no bairro Cidade Nova.

Caso sua mãe negasse, Carlos Eduardo pediria ao pai, já que este era seu “parça”. Se o pai concordasse, não haveria problemas com a mãe, segundo ele “meu pai fala com ela e tá tudo tranquilo”. Ele terminou nos dizendo que sua mãe não gostava que ele fosse aos bailes que aconteciam no Cidade Nova, já que ela achava muito perigoso para um garoto de sua idade estar por lá. Dizia ele, que para ela os fluxos sempre terminavam com a PM, tinha violência e ele era muito novo para isso. Ao terminar de contar, com tom sarcástico, Carlos Eduardo nos dizia: “acha, sou novo nada, tá maluco [pausa] tem que aproveitar a vida”.

Cena 03: Outubro de 2022 – Samuel

Naquele dia eu havia chegado um pouco mais cedo do que de costume e pude acompanhar junto de Roberta a recepção dos jovens. Nós dois fomos para o pátio da instituição e ficamos esperando por eles. Geralmente os jovens iam para o programa de medidas socioeducativas em meio aberto direto da escola, e por esse motivo chegavam com fome e sede. Logo que chegaram, Roberta ofereceu um lanche para eles, e sem pestanejar foram rapidamente para o refeitório. No caminho até o refeitório, alguns conversavam sobre o tão aguardado recesso escolar de fim de ano. Alegavam já estarem cansados de todos os dias acordarem cedo. Entramos no refeitório e os jovens começaram a se acomodar, fossem nas mesas, nos bancos ou nas cadeiras almofadadas – que geralmente eram as preferidas por conta de serem confortáveis. Fui ajudar Roberta a buscar os lanches na cozinha. Os jovens lancharam e logo em seguida subimos as grandes escadas para irmos até a sala de artes. Naquele dia os jovens continuariam a trabalhar na PSC do “Direito à cidade”. O objetivo era que eles produzissem uma espécie de zine (pequena revistinha autoral informando algo) sobre este tema. Nos dias de produção de atividades, como passávamos muitas horas dentro

da sala de artes, os jovens conversavam bastante sobre suas vidas pessoais, seus sonhos e suas experiências. Todos nós nos sentamos em uma mesa redonda que ficava bem no meio da sala e a visão era de todo o conjunto de jovens. Todos viam todos. Do meu lado esquerdo se sentou Roberta, do meu lado direito se sentou Samuel. Os jovens, inicialmente, começaram a conversar sobre o motivo de serem baixos operadores no “corre”. As razões eram as mais variadas. Alguns jovens sugeriram que Roberta ligasse o computador para que eles colocassem suas músicas favoritas enquanto faziam a atividade. Roberta se levantou e foi atender ao pedido deles. Enquanto fazia desenhos e procurava recortes, Samuel, um jovem branco, louro e de olhos claros nos contava que o dinheiro que ele conseguia no “corre” trabalhando no tráfico, era um dinheiro “amaldiçoado”. “Não é um bom dinheiro, não vem de coisa boa, vem da desgraça”, ele falava. Samuel utilizava desse dinheiro, mas para ele este era traiçoeiro. Contava-nos que o dinheiro era importante já que o ajudava, e principalmente ajudava a sua coroa – forma como chamava sua mãe. Mãe solo, era somente a sua renda que abastecia a casa, Samuel e seu irmão. Com o dinheiro que ganhava, ele conseguia lidar com algumas despesas da casa, não deixando tudo para ela, que não tinha um serviço tão bom. Samuel terminou sua fala nos contando que sua grande vontade era conseguir um “trampo” bom e “decente” para continuar ajudando em casa e proporcionar melhores condições de vida para sua mãe e irmão. Além disso, a vontade de arrumar um trabalho melhor também era motivada pelo amor que sentia por sua namorada, querendo poder sair mais para lugares legais e “mimar” ela.

4. AS VÁRIAS DIMENSÕES DO “SUJEITO-HOMEM”

Anteriormente apresentei três cenas da etnografia realizada no ano de 2022 com jovens em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto na cidade de São Carlos. A noção de “sujeito-homem” foi explorada por Diogo Lyra, em seu trabalho com jovens envolvidos na baixada fluminense no Rio de Janeiro, ou como Michel Misse os chamou no prefácio – “os garotos armados do morro”. Ao analisar o motivo pelo qual cada jovem entra para o crime (traficando ou assaltando) Lyra contribui para o debate com a noção de “sujeito-homem”. Observando o desenvolvimento dos garotos (infância, individuação e autonomia), Lyra percebe que os jovens estudados estavam buscando uma espécie de autonomia para então ser “sujeito-homem”. É nesse sentido que emerge um sujeito moral, afinal, essa categoria é independente da idade, e está mais relacionada a códigos culturais e subjetivos por exemplo respeito, humildade e responsabilidade.

Esse sujeito moral possui em seu âmago uma série de deveres, direitos e atributos. Segundo Lyra “[...] a vida na favela concentra praticamente todas as referências individuais e coletivas do jovem sujeito-homem” (Lyra, 2013, p. 99). O “sujeito-homem” seria constituído por ideais de respeito, lealdade e independência. Em outras palavras, esse jovem cumpriria com deveres de adultos na comunidade em que vive. Além disso, a expectativa criada para com esse indivíduo era muito alta, afinal, seria necessário que o “sujeito-homem” fosse “aprovado por seus colegas e patrão, [fosse] querido, temido e respeitado, e que [fosse] inclusive lembrado como uma peça importante da engrenagem” (Lyra, 2013, p. 104). Desta forma, podemos nos ater a cada uma das cenas apresentadas na seção anterior, visando elencar, características do “sujeito-homem” encontradas pelos jovens que estudei.

A narrativa de Joaquim (primeira que foi apresentada) nos permite evidenciar algumas características do que Lyra, e conseqüentemente eu, chamamos de “sujeito-homem”. Os versos destacados na música, são os mesmos que me proporcionaram boas reflexões acerca das performances do meu interlocutor. Naquele dia, após ouvir a música de Joaquim, fiquei pensando no acontecido que ele nos contou sobre o enquadra que tomou do agente militar quando estava indo votar.

Me atendo especificamente a letra da música, podemos observar os sonhos do “sujeito-homem” e ora suas reivindicações como um ator social. Em ambos os “papéis sociais”, o “sujeito-homem” é aquele que corre pelo certo. Como um reivindicador social, podemos observar que “os que vem de lá”, também querem seus direitos, esses não devem ser exclusivos apenas para as “mentes pensantes”. A favela deveria estar em primeiro lugar. Uma espécie de revolução (de alguma forma, mesmo que cantada) estaria sendo verbalizada por essa música. Minha sensação é que esse verso evoca uma espécie de luta contra a criminalização da pobreza.

Além disso, esse sujeito ou reivindicador social, já viu pessoas se arriscarem e serem respeitadas pelo sucesso alcançado, já que fica evidente que o sucesso não veio pelo caminho das drogas, porque esse “seria uma rua escura” e sem segurança. Por outro lado, podemos observar um “sujeito-homem” de caráter sonhador. No papel de sonhador, o “sujeito-homem” aspira um lugar, onde as crianças que são menores de dezoito anos tenham uma boa escolaridade e bons recursos para serem “cheias de argumento”, visando assim que um ciclo se conclua e que a favela esteja em primeiro lugar. A favela deveria vencer – para meu interlocutor.

Joaquim me disse, após cantar, que essa música seria para ele e para seu “bonde”, ou seja, trata-se de experiências e expectativas reais. Observamos, de certa forma, que são os sonhos, reivindicações e ações de Joaquim que perpassam essa letra. Essa faceta do “sujeito-homem” que aqui está sendo exposta, possui uma dupla correspondência – um sonhador e um reivindicador. Entretanto, independente da faceta, o “sujeito-homem” necessita em primeira instância “correr pelo certo”.

A noção de “sujeito-homem” para os interlocutores de Diogo Lyra e para meu estudo que aqui apresento, está estreitamente ligada à ideia de responsabilidade e proceder (Biondi & Marques, 2010). Proceder é o equivalente a normas, que inicialmente foram circunscritas às prisões (com o PCC) e mais tarde nas periferias. Seria um “conjunto de coisas tidas como “certas” num regime de relação” (Biondi & Marques, 2010, p. 40). Adalton Marques (2009) afirma que o proceder está em várias esferas da vida social: “[...] nas ruas, nos campos de futebol de várzea, nas arquibancadas dos estádios de futebol, nas escolas, nos salões (danceterias), nas pistas de skate [...] nas letras dos rappers [...]” (Marques, 2009, p. 24). Além disso, segundo o autor, o “proceder” conduz as experiências do dia a dia bem como a vida das pessoas que estão dentro das cadeias. Desta forma, “proceder” não é considerado um verbo de ação, pelo contrário, é um atributo que está anterior ao sujeito – “o moleque tem proceder” (Marques, 2009). Por fim, é importante relembrar que para “ser do crime” se faz necessário um reconhecimento e nem todos que estão inseridos nesses contextos possuem – obrigatoriamente – o proceder (Belusso, 2021).

Voltando aos casos, de ótica semelhante, a narrativa de Carlos Eduardo e Samuel são bem parecidas e até mesmo complementares, e de diferentes formas elucidam outras características e papéis sociais do “sujeito-homem”. Em ambos os casos aparece uma figura em comum – a mãe. Essa figura ocupa um lugar especial na vida desses jovens, ora como uma rainha ou como uma coroa, essa é uma pessoa do perdão e da gratidão. Além disso, a figura da mãe ocupa também um espaço mítico da possibilidade de redenção, ou seja, sendo uma figura mítica – ou até mesmo divina – ela seria a única que pode perdoar o jovem, além de Deus. Essa é a única capaz de redimir seu filho em momentos críticos da vida no crime. Nesse sentido, sendo quase uma figura mítica, o jovem deve encarar isso, e de alguma forma ajudá-la e auxiliá-la nos afazeres cotidianos. Durante meu trabalho de campo, percebi que uma das facetas desse “sujeito-homem” seria uma espécie de “homem provedor” que zela por sua família, especialmente as mulheres – mães, avós, irmãs e namoradas/esposas.

Quando a figura do pai aparece nessa dinâmica, sempre está relacionado a ideia de uma pessoa permissiva, como observamos no caso de Carlos Eduardo. Deixa chegar em casa

mais tarde, dá conselhos e incentiva namorar – ou como falam jovens “sair com as minas”. É importante evidenciar também que nem sempre o pai é uma figura presente na vida desses jovens, e por esse motivo pode não aparecer nas narrativas. Tudo o que a mãe vai contra e proíbe (seja festas, mulheres, faltar a escola) o pai é a figura que permite e detém uma espécie de palavra final – uma carta na manga. Entretanto, a figura da mãe é muito mais importante que a do pai e irmãos, pois é para ela que a maioria dos gestos de cuidado e proteção são assegurados. É ela a redentora.

As histórias de Carlos Eduardo e Samuel são permeadas, nesse sentido, por noções de segurança e proteção. No caso de Carlos Eduardo, o fato do jovem ter dito que ajudaria sua mãe nos serviços da casa e depois lhe faria um pedido, inicialmente, me pareceu puro interesse. Evidencio também que no decorrer da conversa, Carlos Eduardo também nos contava que seu pai não ajudava sua mãe com os serviços da casa, somente “trabalhava pra fora”. Nesse sentido, sua estrutura familiar era puramente tradicional: o pai trabalhava e conseguia dinheiro e a mãe era responsável pelas tarefas domésticas e afazeres com os filhos. De um lado fica claro que poderia haver o interesse de Carlos Eduardo para que a mãe o deixasse ir para o baile, mas de outro, ele também percebia que a mãe precisava de ajuda com os afazeres domésticos e por isso colaborava com sua “rainha”, afinal, ela era “firmeza”. De outro ângulo parecido, no caso de Samuel conseguimos observar uma espécie de dicotomia entre sagrado e profano. O dinheiro que ele ganhava no corre era profano e amaldiçoado, entretanto, era utilizado para uma causa maior: ajudar sua mãe. Sua mãe não conseguia “manter” a casa sozinha, bem como cuidar de Samuel e seu irmão. Como filho mais velho, Samuel precisava de alternativas – não profanas – visando prestar ajuda para sua família. Para conseguir um bom “trampo”, Samuel contava que pensava em fazer um curso para “ser alguém na vida”. Essa seria uma solução para obter um dinheiro que não fosse amaldiçoado para, assim, continuar fazendo sua função como um “sujeito-homem”.

Tanto a narrativa de Samuel quanto a de Carlos Eduardo trazem palavras como “rainha” e “coroa” para se referirem a suas mães de forma carinhosa e respeitosa. A masculinidade performativa neste caso está ligada a uma das facetas (ou papéis) do “sujeito-homem”: a proteção e cuidado com suas mães. No caso de Samuel, a proteção refere-se mais aos recursos financeiros que proporcionariam uma vida melhor. No caso de Carlos Eduardo, embora podemos observar resquícios de determinado interesse, a proteção estaria ligada à ajuda doméstica para sua mãe que ficava sobrecarregada com todo trabalho da casa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste paper, apresentei em um primeiro momento a forma como cheguei à instituição onde os jovens cumpriam suas medidas socioeducativas. Após isso, realizei um posicionamento pessoal em meu próprio texto – quem eu sou, de onde eu falo, quais foram as inseguranças do trabalho de campo e como foram vencidas. Em seguida, apresentei uma pequena seção teórica, que visou solidificar as três temáticas interseccionadas nesse trabalho: a sociologia das juventudes, os debates de masculinidades e, por fim, as contribuições acerca do “mundo do crime”. O esforço analítico e teórico que existe tem por trás de tudo isso, se resume em compreender a juventude positivamente, abandonando uma explicação pela falta, seja ela financeira, de visões de mundo, de perspectiva e de experiência.

Concluo que os modelos de masculinidades estão sempre se reinventando. Durante meu trabalho de campo realizei diversas trocas com esses jovens e percebi infinitas possibilidades de como performar e se valer das diversas masculinidades existentes no mundo do crime. Vale dizer que essas masculinidades não se restringem apenas ao “mundo do crime”, mas também em nos mais diversos contextos sociais. Para ilustrar a proposta, analisei um caso específico: o “sujeito-homem”.

O “sujeito-homem” emerge, aqui, como uma aproximação entre os diferentes campos teóricos que visei articular, tomando como objeto empírico jovens em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto, na cidade de São Carlos. Neste bojo, o “sujeito-homem” traça, constrói e organiza sua vida em busca de independência e realização por meio de códigos pautados em responsabilidade, respeito, proceder e humildade. As narrativas dos jovens que aqui foram contadas não são todas iguais. Cada um desses jovens estava em diferentes fases de suas vidas, embora compartilhassem – segundo minha perspectiva – de uma mesma performance: a do “sujeito-homem”.

A alegoria grega que Lyra (2013) recorre para descrever os “garotos do morro” é interessante para terminar esse paper – e aqui recorro a ela. O mito grego conta que Faetonte recebeu como recompensa de seu pai (por não ter o conhecido antes de sua juventude) a realização de um desejo. Após pensar, Faetonte escolheu conduzir o carro do Sol, uma espécie de carruagem que pertencia ao seu pai. Seu sonho estava no esplendor e na adrenalina que a poderosa carruagem trazia, afinal era ela quem fornecia luz para o mundo. Seu pai lhe cedeu o desejo, e quando Faetonte cruzava os céus, perdeu o controle da carruagem e acabou sendo extinguido por um raio que cruzava os céus. Para Lyra, os “garotos armados do morro” escolhem jornadas ambiciosas (e também perigosas) – assim como Faetonte com seu ousado desejo. Acredito que o “sujeito-homem”, aqui traçado por mim, possa ser enquadrado nessa alegoria. O “sujeito-homem” é um “jovem adulto” em busca por respeito,

dignidade, responsabilidade e proceder – e para consegui-los não mede esforços. Esses signos são evocados para uma espécie de afirmação e (re)afirmação de suas masculinidades, que garante sua honra e compromisso perante seus pares, sua família e a sociedade em geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baird, A. (2018). Convertirse en El Más Malo: trayectorias masculinas de violencia en las pandillas de Medellín. *Estudios Socio-Jurídicos*, 20(2), 9–48. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/sociojuridicos/a.6817>
- Belusso, O. A. (2021). O envolvimento de adolescentes com o “Mundo do crime” e o processo de construção social das masculinidades. *Dissertação (Mestrado) – Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul*.
- Biondi, K. (2009). Junto e Misturado: Imanência e Transcendência No PCC. *Dissertação (Mestrado) – Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos*, 198.
- Biondi, K., & Marques, A. (2010). Memória e historicidade em dois "comandos " prisionais. *Lua Nova*, 79, 39–70. <http://www.scielo.br/pdf/ln/n79/a04n79.pdf>
- Butler, J. (2003). *Problemas de Gênero*. Civilização brasileira.
- Butler, J. (2019). Atos Performativos e constituição de gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. *Journal of Chemical Information and Modeling*, 53(9), 1689–1699. <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno78/>
- Corrochano, M. C., Souza, R., & Abramo, H. (2019). Jovens Ativistas Das Periferias: Experiências E Aspirações Sobre O Mundo Do Trabalho. *Revista Trabalho Necessário*, 17(33), 162. <https://doi.org/10.22409/tn.17i33.p29373>
- Da Matta, R. (1978). O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues. *Boletim Do Museu Nacional*, 27. <https://revistas.ufrj.br/index.php/bmna/article/view/49240/26886>
- Dayreel, J. (2007). A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juven. *Educação e Sociedade*, 28, 1105–1128. <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/?format=pdf&lang=pt>
- Dias, C. (2010). Por dentro (e de dentro) do Comando: O PCC segundo o ‘nativo.’ *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, 3(8), 159–172. <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7174>
- Dias, L., & Júnior, L. (2020). Margaridas e masculinidades no futebol. *Periódicos - Revista de Estudos Indisciplinares Em Gêneros e Sexualidades*, 233–246. <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/35345/21734>
- Feltran, G. (2008a). Fronteiras de tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo. *Tese (Doutorado) – Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas*.
- Feltran, G. (2008b). O legítimo em disputa: As fronteiras do “mundo do crime” nas periferias de São Paulo. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, 1(1), 93–126.

<https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7136/5717>

- Geertz, C. (2009). *Obras e Vidas: O antropólogo como autor*. Editora UFRJ.
- Goffman, E. (1983). *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Editora Vozes.
- Gomes, E. de C., & Menezes, R. A. (2008). Etnografias possíveis: “estar” ou “ser” de dentro. *Ponto Urbe*, 3, 0–24. <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1748>
- Grillo, C. (2013). Coisas da Vida no Crime: tráfico e roubo em favelas cariocas. *Tese (Doutorado) – Antropologia Cultural, Universidade Estadual de Campinas*.
- Gusmão, R. (2022). Entre a performance e a performatividade. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, 8(2), 316–340. <https://doi.org/10.9771/cgd.v8i2.48508>
- Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5, 07–41. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>
- Hirata, D., & Grillo, C. (2019). Crime, Guerra e Paz: Dissenso político-cognitivo em tempos de extermínio. *Novos Estudos CEBRAP*, 38(3), 553–571. <https://doi.org/10.25091/S01013300201900030002>
- Lyra, D. (2013). *A república dos meninos*. Mauad X: FAPERJ.
- Marques, A. (2009). Crime, proceder, convívio-seguro: um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões. *Dissertação (Mestrado) – Antropologia Social, Universidade de São Paulo*.
- Marques, A. (2010). “Liderança”, “proceder” e “igualdade”: uma etnografia das relações políticas no Primeiro Comando da Capital. *Etnográfica*, 14(2). <https://doi.org/10.4000/etnogra>
- Medan, M. (2014). La dependencia estatal en programas para jóvenes: ¿estigma o factor de protección? *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 631–642. <https://doi.org/10.11600/1692715x.1228191113>
- Motta, L. D. (2017). Fazer estado, produzir ordem: sobre projetos e práticas na gestão do conflito urbano em favelas cariocas. *Tese (Doutorado) – Sociologia, Universidade Federal de São Carlos*.
- Peirano, M. (1995). *A favor da etnografia*. Dumará.
- Piscitelli, A. (2008). Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, v.11, n.2, 263–274. <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/5247>
- Schlittler, M. C. (2011). No Crime e na Medida: uma etnografia do Programa de Medidas Socioeducativas em meio aberto do Salesianos de São Carlos. *Dissertação (Mestrado) – Sociologia, Universidade Estadual Paulista “Julio Mesquita Filho”*.
- Zanchin, C. R. (2010). Os diversos olhares na construção das Medidas Socioeducativas no Município de São Carlos/SP. *Dissertação (Mestrado) – Serviço Social, Pontifícia Universidade*

Católica de São Paulo.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA: O conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo não está disponível ao público.

FINANCIAMENTO: O presente trabalho foi realizado como um trabalho de monografia sem financiamento. Atualmente, em minha pesquisa de mestrado conto com apoio do Programa de Excelência Acadêmica – Brasil (PROEX)

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS: Não se aplica, este paper foi escrito individualmente.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE: O autor declara que não há conflito de interesses a mencionar.

MINIBIOGRAFIAS DOS/DAS AUTORAS DO PAPER

Atualmente é mestrando no Programa de Pós-graduação em Sociologia, da Universidade Federal de São Carlos. Integra o Núcleo de Pesquisas Urbanas (NaMargem - UFSCar) e a equipe do programa de rádio “Às Margens da Cidade”. Tem se interessado em pesquisar temas voltados às juventudes, mundo do crime, sujeição criminal e masculinidades.

This preprint was submitted under the following conditions:

- The authors declare that they are aware that they are solely responsible for the content of the preprint and that the deposit in SciELO Preprints does not mean any commitment on the part of SciELO, except its preservation and dissemination.
- The authors declare that the necessary Terms of Free and Informed Consent of participants or patients in the research were obtained and are described in the manuscript, when applicable.
- The authors declare that the preparation of the manuscript followed the ethical norms of scientific communication.
- The authors declare that the data, applications, and other content underlying the manuscript are referenced.
- The deposited manuscript is in PDF format.
- The authors declare that the research that originated the manuscript followed good ethical practices and that the necessary approvals from research ethics committees, when applicable, are described in the manuscript.
- The authors declare that once a manuscript is posted on the SciELO Preprints server, it can only be taken down on request to the SciELO Preprints server Editorial Secretariat, who will post a retraction notice in its place.
- The authors agree that the approved manuscript will be made available under a [Creative Commons CC-BY](#) license.
- The submitting author declares that the contributions of all authors and conflict of interest statement are included explicitly and in specific sections of the manuscript.
- The authors declare that the manuscript was not deposited and/or previously made available on another preprint server or published by a journal.
- If the manuscript is being reviewed or being prepared for publishing but not yet published by a journal, the authors declare that they have received authorization from the journal to make this deposit.
- The submitting author declares that all authors of the manuscript agree with the submission to SciELO Preprints.